

Drama

Mas a violência não se limita a Beto «Playboy» ou aos Esquadrões da Morte. Mesmo entre os favelados, cenas de briga e pancadaria são uma constante.



Este homem foi queimado com água a ferver atirada pela sua própria mulher. «Em casa onde não há pão, todos se matam sem razão».



Também esta mulher foi agredida pelo marido. Desta vez, à pedrada.



Os pais vieram do campo ou de uma cidade do Nordeste (região mais pobre do país). Exerciam trabalhos desqualificados até se separarem. Agora, a mãe vende o corpo na cidade, enquanto a filha mais velha «cuida» dos irmãos.



Não admira que menores carentes se tornem precocemente responsáveis pela sua própria sobrevivência. Sem escola e com fome, deambulam descalços pelas ruas, procurando sapatos para engraxar. Muitas vezes dormem na rua e roubam para comer. São os «pivetes» da Rocinha.



Já nasceram aqui na favela. Cedamente abandonam a família para ir morar num outro barraco, em promiscuidade com pessoas de diversas idades. São analfabetos. Como 90% dos seus colegas, trocaram a escola pela rua.



Para agravar ainda mais a situação, a favela mantém altos índices de mortalidade infantil. As infecções intestinais e as doenças do aparelho respiratório são as causas principais da morte das crianças. Mas o índice mais alarmante é o da desnutrição. Em 1980, este mal era responsável por 4,9% dos óbitos infantis. Com o tempo, piorou. Dez anos depois, a percentagem subiu para 10,8%. Neste ano, só nesta favela, morriam 98 em 1.000 crianças com menos de um ano.